

A Mulher no Radiojornalismo Gaúcho: Uma Análise das Rádios Bandeirantes, Gaúcha e Guaíba¹

Luana Beatriz da Silva²

Diego Weigelt³

Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

Resumo

O presente artigo pretende compreender o atual cenário de atuação das mulheres no radiojornalismo gaúcho e analisar o mercado de trabalho, as atividades das jornalistas nas rádios, quais adversidades enfrentam no dia a dia e se há ou não preconceito dentro das emissoras. Com esse objetivo, foram aplicados questionários com cinco jornalistas: da Rádio Gaúcha (Giane Guerra, Renata de Medeiros e Sara Bodowsky), da Guaíba (Fernanda Bagatini) e da Bandeirantes (Larissa Brito). Constatamos que a discriminação diminuiu, mas ela ainda existe, principalmente pelo contexto cultural.

Palavras-chave

Gênero; Mulher; Radiojornalismo; Comunicação.

Os homens, desde o surgimento do rádio, sempre foram maioria nas emissoras. Nas décadas de 20, 30 e 40, as mulheres sentiam interesse em participar das programações, mas apenas conseguiram trabalho nos programas de auditório, radionovelas e na gravação de áudios para publicidade. No entanto, com o tempo o mercado radiofônico cresceu e as mulheres ganharam mais oportunidades. Segundo pesquisa feita em 2015, pela Universidade Federal de Santa Catarina (FENAJ, 2017), as mulheres representam 64% dos profissionais que estão em atividade.

A discussão sobre as diferenças de gênero, no mercado de trabalho, continua gerando muito debate. Atualmente as mulheres tem conseguido papel importante na sociedade, com mais liberdade e independência, inclusive assumindo cargos de destaque. Poletto (2008) ressalta que a participação da mulher no rádio sempre foi pequena comparada a participação masculina. Uma das primeiras emissoras no Brasil, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923, contava com uma mulher, Maria Beatriz Roquette-Pinto, filha de Roquette-Pinto, um dos fundadores da emissora.

Antes do surgimento do rádio, a população acompanhava as notícias pelos jornais. Segundo Cotta, Dias e Nunes (2004), o Rio grande do Sul contava com 8

¹ Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação Audiovisual, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Jornalista formada pelo Curso de Comunicação Social, da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). E-mail: luanabeatriz55@hotmail.com.

³ Jornalista e professor do Curso de Comunicação Social, da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Doutor em Ciências da Comunicação – Cultura Contemporânea e Novas Tecnologias, pela Universidade Nova de Lisboa. E-mail: diegow1@unisc.br.

jornais locais e 4 diários em Porto Alegre: A Federação, Correio do Povo, O Estado do Rio Grande e o Diário de Notícias. Mas mesmo com surgimento do rádio, os primeiros programas ainda mantinham as notícias com perfis de jornais impressos.

Os jornais eram as fontes de informações dos primeiros noticiosos radiofônicos. Não havia ainda a preocupação de produzir textos específicos para o rádio. O próprio locutor que apresentava o noticioso se encarregava de recortar as notícias dos jornais para ler ao microfone (COTTA, DIAS e NUNES, 2004, p. 11).

O rádio chegou no Rio Grande do Sul em 1924, através de um grupo de radioamadores que trouxe de Buenos Aires para Porto Alegre um aparelho transmissor e inaugurou a Rádio Sociedade Riograndense, no mesmo modelo da rádio criada por Roquette-Pinto. E logo após surgiram a Sociedade Rádio Pelotense, em 1925, e Rádio Sociedade Gaúcha, em 1927. A implantação do rádio no Rio Grande do Sul atraiu e encantou os ouvintes, conforme relata Ferraretto (2002):

Fornecia notícias e proporcionava entretenimento. Mais do que isto, despertava interesse suficiente para que o *Correio do Povo* utilizasse o aparelho receptor, então em fase de compra, como um diferencial para atrair leitores. O jornal procurava manter-se, assim, tecnologicamente atualizado, “acompanhando o maravilhoso desenvolvimento da radiotelefonía”. O novo veículo de comunicação começara, lentamente, a fazer parte dos desejos, sonhos e utopias da burguesia em ascensão (FERRARETTO, 2002, p. 29).

No Rio Grande do Sul, em 1960, uma das primeiras mulheres a trabalhar no radiojornalismo foi Eva Mendonça (ZUCULOTO e MATTOS, 2017). Na mesma época, Ivete Brandalise foi convidada para participar como comentarista na Rádio Guaíba. Em 1970, a rádio gaúcha contratou Rita Campos Daudt e, em 1978, Carmem Sílvia Rial entrou para equipe da emissora. Ao longo dos anos aparecem outras mulheres que se destacaram no rádio gaúcho, como Ida Souza, Nelcira Nascimento, Tânia Regina, Suê Duarte e Otilia Souza.

Por todas as mulheres, que no passado enfrentaram inúmeros obstáculos para conseguirem seus direitos, principalmente na área da comunicação, este artigo busca compreender como está o atual cenário de atuação das mulheres no radiojornalismo gaúcho e quais são suas maiores dificuldades.

Metodologia

Em um primeiro momento, realizou-se pesquisa nos sites das rádios e perfis do *Facebook* das jornalistas e foi constatado que trabalham 22 jornalistas em 4 emissoras selecionadas. Entramos em contato pelo *Facebook* e por e-mail. Tivemos retorno de 5

jornalistas: da Gaúcha (Giane Guerra, Renata de Medeiros e Sara Bodowsky), da Guaíba (Fernanda Bagatini) e da Bandeirantes (Larissa Brito).

Em função de todas as mulheres morarem e trabalharem em Porto Alegre coletamos os dados através de e-mail. Para isso, foi utilizada a técnica de entrevista fechada, com um questionário que foi aplicado por e-mail do dia 26 de abril de 2017 até 1 de junho de 2017, a fim de se compreender como é a carreira das jornalistas, a importância do rádio em suas vidas, o dia a dia dentro das emissoras, como analisam o mercado de trabalho do jornalismo e do radiojornalismo gaúcho e se já enfrentaram algum tipo de preconceito.

Giane Guerra, da Rádio Gaúcha

A primeira rádio a ser analisada é a Rádio Gaúcha, a primeira emissora comercial da cidade de Porto Alegre, que foi fundada em 8 de fevereiro de 1927. A emissora possuiu transmissões via satélite, que ficou conhecida como a Rede Gaúcha Sat, e conta com sedes em Santa Maria, Pelotas e Caxias do Sul. Opera em AM e FM e pode ser sintonizada nas frequências AM 600 KHz e FM 93.7 MHz e conta com um grupo de 31 jornalistas, e destes, sete são mulheres. Três jornalistas, Giane Heidrich Guerra, Renata de Medeiros e Sara Bodowsky responderam o questionário. Giane atua há 16 anos na Rádio Gaúcha, mas antes trabalhou na CBN Porto Alegre, TV COM e jornal Diário Gaúcho. Ela revela que sempre admirou a profissão: “Já gostava de jornalismo no colégio e ficava fascinada com filmes onde havia personagens que eram jornalistas” (GUERRA, 2017). Depois de um período, recebeu a oportunidade de trabalhar em rádio, o que lhe proporcionou grandes mudanças na vida.

Minha trajetória profissional praticamente inteira, o lugar onde me moldei como profissional. Adoro trabalhar aqui e tenho orgulho do espaço que construí. Também foi na Rádio Gaúcha que conheci meu marido há 15 anos, quando éramos estagiários, e hoje formamos uma família. Ele também trabalha aqui (GUERRA, 2017).

Giane atua há 16 anos na Rádio Gaúcha e atualmente está na editoria de economia e afirma que na emissora o preconceito com a mulher não existe mais. “Na Rádio Gaúcha, não vejo mais isso. Acho que estamos indo bem. Não vejo função alguma, aqui na rádio, que não possa ser exercida por mulher”.

Renata de Medeiros, da Rádio Gaúcha

Outra jornalista da Gaúcha é a Renata de Medeiros que é formada em Jornalismo pela ESPM-Sul, em 2014. Ela escolheu jornalismo por ter sido influenciada por uma professora durante o ensino fundamental.

Escolhi ser jornalista na sexta série, quando a professora de português nos incumbiu de produzir crônicas. Na atividade, descobri que podia unir duas paixões: o futebol e a escrita. A partir dali, decidi que queria ser jornalista esportiva. Nunca quis ser jornalista de outra editoria. O gosto partiu específico assim mesmo – e meu sonho era escrever nas últimas páginas do jornal Zero Hora, tradicionalmente ocupadas pelas reportagens de esporte (MEDEIROS, 2017).

A portabilidade do rádio possibilita levar informação para todos lugares a qualquer momento. Foi o que atraiu Renata para trabalhar na Gaúcha.

Representa o meio mais dinâmico do jornalismo. Com o advento da internet, considero que o rádio é o meio que consegue informar com mais instantaneidade – e tem até uma responsabilidade mais pesada do que em outros meios, que é a de, em tempo real, confirmar ou refutar milhares de informações que pipocam nas redes sociais” (MEDEIROS, 2017).

Renata teve a primeira experiência na área durante a faculdade, onde trabalhou no Portal de Jornalismo da ESPM, e se interessou pelo jornalismo esportivo: um grande sonho.

Por pura sorte ou coincidência, em minha primeira pauta esportiva fora da universidade, fui convidada para me candidatar a uma vaga de estágio na Rádio Guaíba. Em outubro de 2011, já estava trabalhando na emissora. Minha principal tarefa era produzir o programa Repórter Esportivo, apresentado na época por Luiz Carlos Reche, durante a semana, e, no domingo, produzir a jornada esportiva e os programas de repercussão (MEDEIROS, 2017).

Na editoria de esporte, na Rádio Gaúcha, é a única mulher que cumpre funções de produção e reportagem – mas também pode-se considerar a presença da apresentadora e torcedora do Inter, Kelly Matos, no programa Sala de Redação. Suas funções são relacionadas ao digital, ou seja, produz reportagens sobre a dupla Gre-Nal para abastecer o site da emissora, edita infográficos e vídeos, gerencia redes sociais e realiza coberturas ao vivo no portal.

Desde que a RBS iniciou o projeto de integração das redações da Rádio Gaúcha e da Zero Hora, assumi funções *on air* – além de continuar com demandas *online*. Então, em novembro de 2016, virei produtora fixa do programa Hoje nos Esportes, apresentado por Luciano Périco. Já em março de 2017, fui convidada para integrar a equipe das jornadas esportivas como repórter de torcida. Este é, sem dúvidas, um dos maiores desafios nesses meus cinco anos de carreira no Jornalismo Esportivo (MEDEIROS, 2017).

Para Renata, o baixo número de jornalistas mulheres em rádios do Rio Grande do Sul é reflexo de uma cultura imposta, que vem permanecendo ao longo dos anos.

Há o preconceito comum da sociedade – de julgar que a mulher não seja tão capaz quanto um homem de cumprir determinada função. Mulher tem sempre que provar muito mais do que qualquer homem. Se um repórter homem erra, é porque se enganou ou porque está mal informado. Se uma repórter erra, é porque é mulher – como se o gênero feminino fosse um fardo a ser carregado. Piadas são muito comuns. Mas penso que o meio rádio é puramente o reflexo da sociedade machista em que estamos inseridas. Há incômodos dentro da rádio, mas fora dela também – nos estádios, torcedores reproduzem as mesmas ideias, por exemplo (MEDEIROS, 2017).

Mas como que as jornalistas podem fazer para ter mais oportunidades no rádio? A questão cultural ainda predomina para que haja tal mudança, mas as mulheres devem batalhar por seu espaço. É o que diz Renata Medeiros:

Considero que este ponto esteja diretamente ligado a uma mudança de cultura – que demorará décadas para resultar em ações concretas. Mostrar que somos capazes e responder sempre que algo não agrada são pontos básicos para delimitar os limites. Porém, não há como cobrar das mulheres, que são as vítimas do processo machista, mudanças de comportamento para que sejamos respeitadas por homens. É a cultura deles – e de muitas mulheres também – é que têm que mudar (MEDEIROS, 2017).

Sara Bodowsky, da Rádio Gaúcha

Sara Bodowsky é formada em Direito e Jornalismo e sempre quis ser jornalista: “Sempre gostei de me comunicar, na minha casa teve uma época em que não tínhamos televisão e minha mãe não tinha grana para arrumar, então ouvíamos direto rádio sempre sintonizado na Rádio Gaúcha” (BODOWSKY, 2017).

E quanto mais se tem proximidade com a área, mais se ganha experiência. Sara recebeu uma oportunidade logo no início do curso de comunicação: “Logo no meu primeiro semestre de jornalismo, fui participar de uma seleção para uma vaga de estágio na Rádio Gaúcha e para minha surpresa passei na seleção e comecei a trabalhar na Rádio Gaúcha” (BODOWSKY, 2017).

A jornalista sempre gostou de se comunicar e ouvir rádio e este veículo de comunicação se tornou muito importante em sua vida. “O rádio talvez hoje seja um dos meios mais democráticos de informação. O rádio é minha vida, eu aprendi a fazer jornalismo dentro dele, tenho muitos amigos lá. É um vício muito bom” (BODOWSKY, 2017).

O trabalho realizado lhe proporciona a oportunidade de conhecer muitas pessoas, mas nem sempre tudo foi tranquilo. Sara diz que as jornalistas estão começando a ganhar seu espaço no jornalismo, mas ressalta que o preconceito existe.

Hoje em dia temos um equilíbrio, as vozes estão equilibradas também. Como por exemplo, eu comecei a trabalhar na madrugada para ocupar o cargo de um dinossauro maravilhoso do rádio (no sentido de experiência) Jayme Copstein e ele tinha muitas fãs mulheres. E logo que comecei sofri um pouco de preconceito dessas fãs. Algumas viraram minhas amigas, outras nunca aceitaram. Mas acredito que nós jornalistas estamos batalhando por estas oportunidades (BODOWSKY, 2017).

Mesmo com o espaço aumentando para as mulheres, o esporte ainda é uma editoria que tem uma certa resistência com jornalistas.

O esporte ainda é uma área que tem muitos homens, até por ser uma questão cultural. Nós meninas não crescemos tão focadas no esporte. Hoje temos também editorias como saúde que não tem muito no radiojornalismo, porque está mais no impresso. Mas acredito que como na vida existem segmentos que se entende como femininos e masculinos e como na vida isto também está mudando, dependente de cada uma de nós mulheres nos unirmos e darmos a cara a tapa para fazer o que quisermos. Hoje mesmo temos homens trabalhando em editorias de moda por exemplo (BODOWSKY, 2017).

A jornalista necessita sempre estar provando suas qualidades, ou seja, se é competente para estar naquele cargo ou não. E dentro desta questão, algumas acabam mudando suas características para permanecerem no emprego. Para Sara Bodowsky, para que as mulheres ganhem mais espaços nas emissoras, devem confiar em si mesmas, devem acreditar em seu potencial.

A mulher tem características de criatividade e emoção muito bacana, que um tempo atrás isto era visto como algo ruim tipo “a mulher é muito emotiva”. Hoje em dia isto é um ingrediente muito importante no mercado de trabalho. É com essa emoção e empatia que a mulher pode mudar as coisas e até revolucionar este jornalismo que a gente vive e que está mudando também. Ela tem que ser verdadeira e estar de bem consigo mesmo e não mudar suas características para conseguir uma vaga de emprego. Deve acreditar em si mesma (BODOWSKY, 2017).

Larissa Brito, da Rádio Bandeirantes

A Rádio Bandeirantes, que integra o Grupo Bandeirantes de Comunicação. A emissora surgiu em 27 de outubro de 1934, inicialmente chamada de Rádio Difusora Porto Alegre e, em 1980, passou a ser chamada de Rádio Bandeirantes. Atualmente o Grupo Bandeirantes coordena a BandNews FM 99.3 e Rádio Bandeirantes AM 640. A emissora conta com um grupo de 17 comunicadores no departamento de Jornalismo, sendo que destes quatro são mulheres.

A jornalista Larissa de Brito iniciou sua trajetória no rádio em 2010, na Rádio ABC 900, em Novo Hamburgo, como estagiária de produção. Em 2016, Larissa entrou para o grupo de comunicadores da Rádio Bandeirantes onde permaneceu até abril de 2017. Ela decidiu sair da emissora por não estar de acordo com critérios editoriais e trabalhistas da instituição. Produzia conteúdo para a Rádio Bandeirantes, Band News FM e eventualmente para a Band News TV. Também fez a produção de alguns programas, como para o Antenados, de Paulo Brito, e o Meio do Dia, de André Machado.

Larissa sempre acreditou que o jornalismo poderia fazer a diferença na vida das pessoas e foi com essa motivação que escolheu a profissão. “Eu escolhi ser jornalista por acreditar que poderia tornar um mundo um lugar um pouco melhor. Acredito que o jornalista tem o poder de transpor barreiras” (BRITO, 2017).

O rádio sempre foi um veículo instantâneo, que consegue alcançar um grande público, mas que sofreu algumas mudanças ao longo dos anos em função do surgimento da televisão e da internet. O meio de comunicação apareceu na vida de Larissa de forma natural.

O rádio surgiu de uma forma muito espontânea para mim, dentro da faculdade mesmo. Meu primeiro estágio foi em rádio, na Rádio ABC 900, do Grupo Editorial Sinos, em Novo Hamburgo. Foi através da indicação de um professor que ministrava a disciplina de radiojornalismo. Ali eu vi que era o rádio o que eu queria e sabia fazer. Fiz o curso de locutor na Oscip e fiquei. O rádio significa para mim instantaneidade, pois ele ainda é o veículo mais rápido e que atinge mais gente. Mas creio que hoje seja necessário repensar o conceito de rádio e de produção de conteúdo em áudio (BRITO, 2017).

Na Bandeirantes, Larissa atuava na editoria de economia, mas, acabava produzindo também conteúdo para editoria de geral. Mesmo não esclarecendo se passou por algum tipo de preconceito na emissora, ela diz que saiu deste trabalho por discordar de critérios editoriais e trabalhistas da Rádio Bandeirantes. Para ela, ser jornalista no atual mercado de trabalho

não é muito diferente de ser mulher no contexto social que vivemos. Precisamos enfrentar o machismo todos os dias. Impor nossos limites como profissionais. Somos tão capacitadas quanto qualquer colega e não é nosso gênero que vai determinar o tipo de relação que teremos com fontes ou chefes. Nossa ascensão dentro da carreira é condizente com o que produzimos como profissionais, e não com nossos atributos físicos (BRITO, 2017).

Larissa de Brito ressalta que as mulheres têm que passar por inúmeras situações constrangedoras, não só dentro das redações, fora também.

Acho que o preconceito contra a mulher existe em todas as esferas e no rádio não seria diferente. Muitas vezes a mulher precisa "brigar" por determinadas pautas. E esse preconceito não parte só das redações. As fontes também são muito preconceituosas. Muitas delas acham que podem trocar informações por saídas e outras coisas (BRITO, 2017).

A falta de oportunidades, na área de comunicação, se deve muito ao atual momento econômico que o país vive, e as jornalistas além dessa barreira também enfrentam a questão cultural, de que a mulher não pode assumir certas funções, principalmente na editoria de esportes.

Infelizmente a nossa sociedade machista também reflete nisso. Não consigo dizer que existe uma editoria majoritariamente feminina, porém o espaço dentro do esporte ainda é muito pequeno para as mulheres. E as poucas que conseguem alcançar este espaço precisam conviver diariamente com a misoginia. É muito difícil ser mulher e trabalhar com esporte. Muito mesmo (BRITO, 2017).

As mulheres sempre foram consideradas sexo frágil e sofrem preconceito em muitos momentos:

Não posso afirmar com certeza absoluta que foi por ser mulher, mas as evidências me fazem acreditar que sim. Uma vez fui indicada pelo coordenador do curso de jornalismo da PUCRS para uma vaga na editoria de esporte da rádio líder do estado. Fui até a emissora para conversar com os gestores e eu era a única mulher presente no processo de seleção que tinha mais 5 rapazes. As conversas eram individuais e demoravam cerca de meia hora com cada candidato. Depois de 3 rapazes, fui chamada para a entrevista. Nossa conversa não levou nem 5 minutos, com perguntas do tipo "com quem mora". Nada de muita relevância profissional. Nunca fui nem comunicada sobre o desfecho da vaga (BRITO, 2017).

Larissa ainda diz que as jornalistas devem lutar para conquistar seu espaço, com a consciência de que sempre terão que estar um passo à frente dos homens, ter muito mais conhecimento para conseguir se impor no local de trabalho.

Brigar. Acho que a mulher precisa brigar pelo seu espaço dentro do rádio. O jornalismo é muito machista. Precisamos estar constantemente informadas e atualizadas, mas isso é inerente da nossa profissão. Porém, muitas vezes, a cobrança pela "qualidade" não é tão grande com um homem tanto quanto como com uma mulher. Precisamos nos empoderar, saber do que somos capazes e brigar pelo nosso espaço. Argumentar, questionar e mostrar que não somos menores ou piores (BRITO, 2017).

Fernanda Bagatini, da Rádio Guaíba

A Rádio Guaíba, que surgiu em 30 de abril de 1957, em Porto Alegre. Mesmo não sendo uma emissora esportiva no início, a Guaíba foi a única emissora do Estado a cobrir a Copa do Mundo FIFA de 1958. No início sua programação era voltada apenas para música. A emissora também teve destaque quando transmitiu o discurso do

governador Leonel Brizola, em 1961, que foi chamado de campanha da legalidade. Em 2007, por problemas financeiros, a Rádio Guaíba passou a ser administrada pela Rede Record, que fez modificações tanto na estrutura como na programação da emissora. Atualmente a empresa conta com 25 jornalistas, sendo 12 mulheres.

A jornalista Fernanda Bagatini se formou em jornalismo pela PUCRS, em julho de 1998, e entrou para o grupo de comunicadores da Rádio Guaíba em 1 de dezembro de 1998, como repórter e, desde 2009, atua como chefe de reportagem na emissora.

Fernanda descobriu que queria ser jornalista na infância.

Eu desejava ser jornalista desde a infância, pois brincava de entrevistar as pessoas. Meu avô e meu pai tinham o hábito de ouvir rádio e eu me acostumei a ouvir as notícias com eles. Quando fui prestar vestibular, não tive dúvida da faculdade que faria. Eu sempre gostei de rádio por ser um veículo ágil, que divulga rapidamente a informação ao ouvinte (BAGATINI, 2017).

E para decidir atuar no rádio não foi difícil, pois sempre teve proximidade com o veículo de comunicação.

O rádio representa tudo em minha vida, pois trabalho no veículo desde a época do estágio na faculdade. O mais incrível é que as tecnologias avançam e o rádio não se torna obsoleto, pois vai se adaptando. Atualmente, usamos as redes sociais para divulgar as notícias que veiculamos na Rádio Guaíba e transmitimos os programas ao vivo pelo Facebook. Ou seja, o rádio não acabará, porque se renova (BAGATINI, 2017).

Fernanda atualmente é responsável por todas as editorias do departamento de Jornalismo. Para ela, a emissora distribui bem as oportunidades, tanto para homens, quanto para as mulheres. “Na reportagem da Rádio Guaíba, por exemplo, temos oito repórteres, sendo quatro mulheres e quatro homens. Na chefia de reportagem, sou eu e o Ricardo Pont. Então, os cargos são bem divididos por sexos também” (BAGATINI, 2017).

Em função da crise econômica que o país está vivenciando, os jornalistas estão sofrendo com a falta de oportunidades no mercado de trabalho. Para Bagatini (2017),

ser jornalista atualmente é difícil, mas não pelo fato de ser mulher e sim pela escassez de vagas no mercado de trabalho. No Rio Grande do Sul, cada vez há menos oportunidades de trabalho para jornalistas. Em função disso, há bons profissionais sem emprego. A dificuldade é a mesma para mulheres e homens.

Fernanda acredita que existe dificuldade da mulher se inserir no radiojornalismo, principalmente no jornalismo esportivo:

o público ainda está acostumado a ouvir homens na editoria de Esporte, por exemplo. Mas, aos poucos, as mulheres estão conseguindo garantir seu espaço. Já tivemos a jornalista Mariana Oselame trabalhando no Esporte da Rádio

Guaíba. Atualmente, Vivian Leal é produtora da editoria e algumas repórteres que atuam no Jornalismo trabalham cobrindo as torcidas nos jogos de futebol que acontecem em Porto Alegre (BAGATINI, 2017).

Considerações Finais

Através da análise das entrevistas das jornalistas Giane Guerra, Sara Bodowsky, e Renata Medeiros, da Rádio Gaúcha, Fernanda Bagatini, da Rádio Guaíba e Larissa de Brito, da Rádio Bandeirantes, constatamos que no radiojornalismo ainda há preconceito com as mulheres. No entanto, todas as entrevistadas ocupam cargos importantes dentro de suas respectivas emissoras, o que revela uma valorização por parte do mercado da comunicação.

Todas as mulheres que participaram deste trabalho, escolheram o rádio por ser um veículo de comunicação democrático, ágil e instantâneo. Atuar no meio é uma forma de conseguirem fazer a diferença no jornalismo, de mudarem uma realidade, de “*dar voz àquelas pessoas que não tem*” e de levar informações de qualidade para os ouvintes. Mas ressaltam que durante a rotina de trabalho passam por situações delicadas de preconceito.

Alguns fatores dificultam a entrada de mulheres no rádio gaúcho. Um deles é a crise econômica que o país vive, e por isto muitas redações estão reduzindo o número de profissionais nas rádios. O outro motivo é cultural, pois algumas pessoas ainda acreditam que as jornalistas não são capazes de realizar determinadas atividades, pelo simples fato de serem mulheres.

Nas emissoras Gaúcha, Bandeirantes e Guaíba podemos constatar que na editoria de esporte, dominada historicamente por homens, há pouquíssimas mulheres, mas este cenário está mudando. Nos últimos anos, o número de jornalistas que estão interessadas em trabalhar na parte esportiva aumentou. A esperança é que, aos poucos, as jornalistas consigam mais espaço no radiojornalismo, um lugar que devem ocupar por mérito e direito.

REFERÊNCIAS

BAGATINI, Fernanda. Entrevista concedida aos autores em 29 de abril de 2017.

BODOWSKY, Sara. Entrevista concedida aos autores em 28 de abril de 2017.

BRITO, Larissa. Entrevista concedida aos autores em 1 junho de 2017.

FENAJ. **Pesquisa mostra que maioria dos jornalistas são mulheres.** Disponível em: <http://fenaj.org.br/pesquisa-constata-que-maioria-dos-jornalistas-e-mulher-e-ganha-ate-cinco-salarios-minimos-2/>. Acesso em: 23 de maio de 2017.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais.** Canoas: ULBRA, 2002.

GUERRA, Giane. Entrevista concedida aos autores em 1 junho de 2017.

MEDEIROS, Renata. Entrevista concedida aos autores em 1 junho de 2017.

POLETTO, Milena Luiza; POLETTO Thays Renata. **Vozes femininas no rádio: relação de gênero, locução e audiência.** XXXI Intercom, Natal, RN. 2008.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer; MATTOS, Ediane Teles de. **As mulheres no radiojornalismo esportivo: contextualizações para pesquisa histórica sobre sua presença profissional em Santa Catarina.** XI Encontro Nacional de História da Mídia: São Paulo, 2017.